

## DEMAIS

O ano passou, embora, na verdade, custasse a passar: desde a véspera de Natal houve um certo enforcamento de sextas e sábados, de maneira que 1953 acabou mesmo no domingo, 3 de janeiro, com vento noroeste e a corrida da Gávea. Assisti-a do portão da casa do Medeiros Lima, onde há uma curva perigosa: o barão de Graffenried mereceu ganhar. Com um ar sério de aviador alemão da Primeira Guerra em filme antigo, ele passava dobrando a curva sempre exatamente do mesmo jeito, tão regular e imperturbável que dava a impressão de que poderia fazer mais 30 voltas daquelas. Chico Landi, que saiu na frente, estourou um pneu e tomou todas as outras providências necessárias para conseguir o nosso tradicional terceiro lugar. A graça do páreo foi Mme. Foufounis, uma francesinha fufufun.cante que deu algumas voltas com o ar de quem passeia, depois disse que estava fazendo muito calor (estava) e passou o volante ao senhor seu pai, que deu mais umas três voltas e desistiu. A coisa é realmente perigosa e dura; acho que depois dessa demonstração o barão de Graffenried tem todo o direito de se candidatar ao posto de "chauffeur" de lotação no Rio de Janeiro.

Na mais, não há nada: o velho senhor que nos governa continua a fazer discursos de dois tipos: um para assustar, outro para tranquilizar; de modo que quando vem um a gente já espera o outro, e assim nenhuma dos dois nem tranquiliza nem assusta ninguém: a mim, ao menos, não.

A embaixada americana está marombando já há muito, sem dar até agora a José Lins do Rego o visto que ele pediu para ir aos Estados Unidos visitar sua filha, que está esperando criança. Confio em que eles acabarão por dar o visto, porque acho que a tolice humana tem um limite, mesmo em se tratando do Departamento de Estado. Essa demora, entretanto, já é algo irritante e descabida. O Itamarati deveria intervir no caso, tanto mais que a filha de José Lins é esposa de um diplomata nosso; se acaso julgasse que a questão é de pura soberania americana, deveria pelo menos, no uso da pura soberania brasileira, estabelecer um prazo mínimo para conceder visto a americanos que desejem vir ao Brasil, o que seria estabelecer igualdade de tratamento. José Lins do Rego é, por todos os títulos, uma das personalidades mais importantes do Brasil, e só por uma extrema debilidade mental alguém é capaz de julgar que uma visita sua aos Estados Unidos possa ameaçar de algum modo a segurança norte-americana. O que ameaça essa segurança é a onda de ressentimentos e reprovações que levanta no mundo inteiro essa política de pânico, de mesquinharia e— digamos a palavra exata e insubstituível — de burrice. Não é assim que se ensina democracia ao mundo; é assim que se dá armas ao comunismo.

Vamos esperar para ver se esses incríveis políticos do Departamento de Estado chegam até ao ponto de negar o visto. Creio que então será caso de se promover um movimento sério que possa pelo menos mostrar aos responsáveis por essa política que uma tamanha tolice não atinge apenas José Lins, mas ofende toda a inteligência brasileira; é, na verdade, uma desatenção ao Brasil, na pessoa de seu maior romancista.

Que um Oscar Niemeyer e um Cândido Portinari — os dois maiores nomes de nossa arquitetura e de nossa pintura — não possam mais ir aos Estados Unidos é uma tolice muito grande, pelos simples fatos de que ambos já estiveram lá e não fizeram outra coisa além de trabalhar; essa grave tolice cobre-se, entretanto, com o pretexto de se tratar de homens que há tempos pertenceram ao Partido Comunista e que não fizeram nenhuma profissão de fé contrária aos seus princípios. É errado, é bobo, mas é compreensível.

No caso de José Lins, que nunca foi nem é comunista, e que combateu os comunistas dentro da organização de classe dos escritores, o negócio é ainda mais lamentável e a tolice atinge o ridículo. Imaginem esse governo, com essa mentalidade, a querer se apresentar ao mundo como o campeão da liberdade!

Acho demais.

R. B.

5/1/54